

FILHOS SURDOS X PAIS MUDOS

Andréia Gulielmin DIDÓ*
Cátia de Azevedo FRONZA**

ABSTRACT: It is important to know how the family listener into the life of the deaf child, understand their differences and, especially, encourage the child to communicate in their mother language, opening the horizons of communication of deaf children. However, in research conducted with students at a school for the deaf in the metropolitan region of Porto Alegre, it was found that mothers know best LIBRAS that fathers, students said, even fathers know little or nothing of the language signals. The objective of this research is to reflect, based on data obtained from interviews, the need of the importance of the family provide the deaf child has the opportunity to interact with people who have a sufficient command in LIBRAS, thus, that the same, the get to school, safety has to communicate in their mother language.

KEYWORDS: LIBRAS; deaf child; family.

1. Introdução

A educação de crianças surdas é um desafio que exige aprimoramento e dedicação constante. Construir um sistema apropriado para atender alunos com necessidades especiais requer o comprometimento dos envolvidos no âmbito escolar e familiar, a fim de assegurar a esses alunos um desempenho satisfatório, estabelecendo relações adequadas de ensino e aprendizagem.

Trabalhar em uma escola para surdos, acompanhar a rotina, descobertas, interesses, dificuldades além de aprendizado desses alunos, oportuniza reflexões sobre os mais variados aspectos. Conviver quase diariamente com surdos entre seis e dezessete anos desperta uma curiosidade, em especial, em relação ao convívio familiar.

A escola, onde se deu esse convívio, oferecia o curso de LIBRAS para as famílias, ministrado por um professor surdo, uma vez por semana. O baixo número de mães que frequentavam o curso motivou uma reflexão a respeito: uma vez que a escola tinha aproximadamente 80 alunos, por qual razão nunca havia mais que seis ou sete mães no curso? Em busca de informações, foram questionados professores e demais funcionários da escola, mas as respostas não foram conclusivas. A fim de buscar mais dados que pudessem contribuir para melhor compreensão do fato, os alunos foram convidados a responder à seguinte pergunta: na sua família, quem sabe LIBRAS? Os dados gerados a partir das 80 respostas a essa questão motivaram o presente artigo.

As respostas revelaram um retrato da realidade dos alunos. Afirmações como “a mãe sabe mais, o pai, um pouco” foram quase unanimidade. Poucas crianças disseram que o pai conhecia melhor LIBRAS do que a mãe. Algumas respostas contemplavam também o conhecimento de avós, tios, irmãos e primos a respeito da língua. Percebi, pelas manifestações dos alunos, uma lacuna importante que certamente interfere tanto no desenvolvimento escolar como no familiar.

* Mestranda do Programa de Pós Graduação de Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

** Doutora em Linguística e professora do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Pretendemos refletir sobre a importância da família para o desenvolvimento da criança surda nos aspectos físico, psicológico e social, compreendendo a fase da aquisição da linguagem, a reação dos pais diante da surdez e a luta estabelecida desde a aceitação da diferença, quebra de preconceitos até a integração do surdo em sua comunidade.

2. Aquisição da língua por crianças surdas

O desenvolvimento da linguagem, para a criança, significa o desenvolvimento de habilidades que proporcionam a capacidade de se apropriar e utilizar recursos da língua, que produzirão efeitos de sentido adequados às inúmeras situações comunicativas. Essencialmente, podemos pensar que a aquisição da língua permite a interação e a comunicação entre os seres humanos; o conceito de língua, no entanto, não é unânime e pode ser entendido de acordo com diferentes autores e opiniões.

Observando o ponto de vista de Saussure (1970) e Chomsky (1998), pode-se dizer que estes autores consideram, respectivamente, a língua como um sistema de signos e como um conjunto de sentenças.

Segundo Saussure (1970), a língua se diferencia em aspectos evolutivos, históricos, ou seja, diacrônicos, e o estudo do estado da língua, da relação existente entre elementos simultâneos, ou seja, sincrônicos. Para o autor, a língua é uma faculdade natural ao homem e, a cada instante, implica num sistema estabelecido e numa evolução, sendo, ao mesmo tempo, uma instituição atual e um produto do passado.

Chomsky (1998), diferentemente de Saussure, não analisa a linguagem como fruto de um meio coletivo: para ele, a linguagem é tida como um meio de manifestar pensamentos e não um sistema social de comunicação; é uma faculdade humana, biologicamente inata. Chomsky (1998) indica ainda que os seres humanos possuem predisposição genética que permite a comunicação.

O termo língua, no sentido que Saussure confere, é um sistema de regras abstratas compostas por elementos significativos inter-relacionados segundo o autor:

Língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1995, p. 17).

Vygotsky (2000), por sua vez, estuda a linguagem por um viés social, não está interessado na psicologia humana ou animal, mas na sua influência no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Seu objetivo principal é olhar o comportamento humano, observar suas características, como se constituem e desenvolvem durante a trajetória do indivíduo.

Vygotsky (2000) trabalhou no estudo das chamadas funções psicológicas superiores, que incidem nas capacidades de planejar, imaginar, enfim, no modo como funciona o psicológico humano. Tais processos mentais são considerados superiores, pois se referem a mecanismos intencionais, a ações controladas de maneira consciente, permitindo ao indivíduo independência em relação às características do momento e espaço presente.

Conforme o autor, tais processos não são inatos, eles surgem nas relações entre os indivíduos e desenvolvem-se ao longo do processo de internalização cultural do comportamento humano, diferentemente dos processos psicológicos elementares presentes nas crianças pequenas e nos animais. Ao perceber a linguagem como uma forma reguladora do pensamento e não apenas como uma forma de comunicação, Vygotsky(2000) refere-se à linguagem como tudo que envolve comunicação, tendo inclusive, um valor semiótico.

A relação entre pensamento e linguagem é de dependência recíproca, na qual a linguagem modela a maior parte do pensamento, tornando-se indispensável para seu desenvolvimento. Contrariando Saussure, Vygotsky postula que o signo não é imutável, o significado se modifica conforme o desenvolvimento do indivíduo, a relação entre significado e significante não é estável. A ação dos signos e seu caráter de mediação são entendidos como processos psicológicos ou, nos termos de Vygotsky, “processos mentais superiores”.

Podemos compreender, dessa forma, que nos encontramos frente a uma definição de signo cuja ênfase se encontra em uma visão do homem como um ser com a capacidade de produção e operação com signos. A utilização desses signos é resultado de um processo complexo e é dependente das leis do desenvolvimento cognitivo humano. Podemos entender o desenvolvimento do uso dos signos como um processo histórico e dinâmico, no qual a referência subjetiva do signo evolui qualitativamente a partir de uma referência subjetiva anterior.

Mesmo com diferentes concepções, de maneira geral, a língua é o instrumento que concretiza a expressão conectada a um determinado grupo coligado por características culturais próprias dentro de um determinado espaço.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.30), “as línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem”. Os surdos possuem língua e cultura própria. A linguagem, para o surdo, também se constitui pela aquisição espontânea da sua língua materna.

Quadros (1997) e Quadros e Karnopp (2004) concordam que as línguas de sinais não são sistemas linguísticos universais, utilizam a modalidade espaço-visual que se diferencia da modalidade oral-auditiva utilizada pelas línguas orais, ou seja, as línguas de sinais se utilizam da visão e do espaço, enquanto as línguas orais se valem da fala e da audição. E, da mesma forma que as línguas faladas, as línguas de sinais apresentam variação linguística. A LIBRAS surgiu de forma espontânea, da necessidade da comunicação entre os surdos, assim como as línguas orais.

De acordo com as autoras supracitadas, as línguas de sinais são estruturadas semântica, morfológica e sintaticamente, com estrutura própria que independe das línguas orais. É importante enfatizar a necessidade de as crianças surdas dominarem primeiramente sua língua, a LIBRAS, visto que esta é a língua que o surdo é capaz de adquirir de forma natural e espontânea, utilizando o meio espaço-visual.

Quadros (1997, p. 70) apresenta estudos e pesquisas sobre a aquisição da ASL – *American Sign Language* (língua de sinais americana) – desenvolvidos nos últimos anos com crianças surdas desde seus primeiros meses de vida, segundo a autora (op. cit., p. 70),

Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grupo de crianças surdas apresenta o *input* linguístico adequado e garantido para possíveis análises do processo de aquisição. Entretanto, ressalta-se que essas crianças representam apenas 5% a 10% das crianças surdas.

Por meio da aquisição de um sistema simbólico, como é a língua, o ser humano amplia a sua concepção de mundo. Evidenciando a necessidade de a criança surda ser exposta o mais cedo possível a um sistema linguístico, no caso, à língua de sinais. Sob esse viés, pode-se afirmar que a língua é um sistema de símbolos, na qual se constitui como uma

“macromediação” em sua forma sintagmática de organização desses símbolos e contém unidades menores, signos, que se organizam nesta “macromediação” para gerar significados.

As pesquisas de Petitto e Marantette (1991 apud Quadros, 1997) revelam que o processo de aquisição da língua de sinais é igual ao processo de aquisição de línguas oroauditivas, respeitando a maturidade da criança. Para os pesquisadores, a aquisição da linguagem ocorre em etapas. Segundo essa perspectiva, existe um período inicial, aproximadamente aos três meses de idade, no qual as crianças surdas (assim como as ouvintes) balbuciam e produzem gestos que se assemelham aos sinais, são apenas movimentos com as mãos.

Posteriormente, na segunda fase, a criança surda começa a dar nomes para as coisas, por volta dos dois anos de idade, usa os pronomes de forma inconsistente, aprende a unir o sinal ao objeto, formando suas primeiras palavras. Assim como as crianças ouvintes, as crianças surdas não fazem corretamente os sinais, podendo trocar o ponto de articulação ou a configuração das mãos, mas o adulto a entende. Nessa fase são produzidos dois tipos de sinais, os pronomes e os sinais congelados.

No que tange aos pronomes, a partir dos dez meses de idade, a criança surda pode apontar para si e para os outros. No entanto, no período dos 12 aos 18 meses ela para de apontar, recomeçando esta ação entre dois e três anos. Acredita-se que, a partir desse momento, a criança utiliza os pronomes de forma consciente. Costuma-se afirmar que nessa fase a criança utiliza sinais congelados porque usa os mesmos sinais dos adultos, mas não utiliza a flexão de número ou concordância verbal.

Finalmente na terceira fase, as crianças usam os mesmos sinais dos adultos, mas não usam a flexão de número ou concordância verbal. Nessa etapa, elas iniciam o uso de frase de duas palavras. A partir disso, podemos observar que a natureza humana demonstra ser imprescindível a aquisição da língua nas fases naturais da maturação. Após a fase do balbucio, a criança está apta a desenvolver sua língua materna, mas, para tanto, é necessário estar exposta a ela.

Expor a criança à língua depende, principalmente, do movimento que a família fizer em direção ao aprendizado da língua materna de seu filho. Em um primeiro momento, é fundamental que os pais ou cuidadores se apropriem da língua de sinais, e, aos poucos, as demais pessoas que convivem no meio familiar devem dominá-la também, oportunizando o pleno desenvolvimento da criança. A reflexão sobre a importância da aquisição da língua de sinais pelos familiares do surdo leva, inevitavelmente, à seguinte pergunta: na sua família, quem sabe LIBRAS?

3. A reação dos pais frente ao filho surdo

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Somada às responsabilidades comuns da família, está a de encontrar um canal de comunicação com a criança surda, e, em condições ideais, os pais devem aprender e introduzir a criança no aprendizado da LIBRAS.

A surdez dificilmente é percebida pela família, antes de a criança se aproximar dos dois anos de idade, período em que o bebê deve reagir aos diversos tipos de sons e ruídos e realizar manifestações de fala. Nessa fase, é fundamental a troca de experiências entre mãe e filho, pois, quando o bebê ouvinte chora, a voz da mãe o acalma: no caso do bebê surdo, contudo, ele precisa vê-la. O inquietante é que a mãe, ao descobrir que o bebê é surdo, normalmente fica “muda”, ou seja, para de falar com seu filho, dificultando o desenvolvimento que se dá efetivamente através da troca de experiências que ocorrem naturalmente por meio de um olhar, um sorriso, um gesto.

Vygotsky (2000) postula que o ser humano não é apenas um produto de seu contexto social, mas um participante ativo na criação deste contexto. Em vista disso, busca estabelecer uma relação entre a dimensão biológica e cultural. Por isso, o autor procura compreender a evolução da cultura humana, o processo de desenvolvimento individual, com especial ênfase ao desenvolvimento infantil.

A partir de sua obra, podemos observar que o psicólogo russo crê que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o coletivo. Segundo esse ponto de vista teórico, a interação social e a troca comunicativa são pré-requisitos básicos para a aquisição da linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem é atividade constitutiva do conhecimento de mundo e a criança se constrói como sujeito.

Vygotsky (2000), sob o prisma do sociointeracionismo, afirma que a maturação biológica da criança é um fator secundário no desenvolvimento das formas complexas do comportamento humano, uma vez que esse desenvolvimento depende da interação da criança e sua cultura. O psicólogo russo sustenta que a estrutura fisiológica humana, aquilo que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, sem o ambiente social. As características individuais são moldadas pela interação do meio físico e social.

Conforme Vygotsky (2000), originalmente, pensamento e linguagem estão separados. Para o autor, a princípio, o bebê, ao chorar, balbuciar ou tentar pegar um objeto, possui apenas reações instintivas, para as quais sua mãe cria um significado. A partir dos significados criados pela mãe, o bebê começa a compartilhar esses significados, iniciando uma função comunicativa que marca processos mais complexos que o ser humano domina e que possibilita à linguagem, segundo o autor, uma forma de raciocínio extremamente desenvolvida.

Para Skliar (1997), as trocas entre pais e filhos surdos e pais e filhos ouvintes são semelhantes e proporcionam à criança contato com a cultura e a comunidade à qual pertencem. O mesmo não acontece no caso de pais ouvintes e filhos surdos. Conforme esse autor, a partir do momento em que a família diagnostica a surdez, as relações comunicativas podem mudar. O autor alerta para a necessidade de a família entrar em contato com a comunidade surda, oportunizando a interação entre crianças e adultos surdos, contando com um atendimento que assuma o bilinguismo.

A descoberta da surdez gera várias alterações na família, dúvidas e inquietações alteram a rotina familiar. Após o choque com a revelação da surdez, iniciam-se a fase da reação, adaptação e a busca por orientação. Sentimentos como ansiedade, negação, culpa, preconceito, rejeição e superproteção desestruturam a família. Nessa fase, a família ouvinte precisa reconhecer e compreender tantos sentimentos e transformá-los em atitudes positivas contribuindo adequadamente no desenvolvimento da criança surda, tornando-o um membro efetivo e participante da família. É importante envolver-se ativamente na vida da criança surda, sabendo respeitar suas diferenças e necessidades, estimulando a criança a se comunicar por meio da LIBRAS, tendo o cuidado de não excluir a criança surda das trocas familiares, ou seja, sinalizando sempre, mesmo que a interação não ocorra diretamente com o surdo.

Fernandes (1990) indica que a falta de integração do cotidiano do surdo com sua família influenciará seus sentimentos e atitudes. A autora (op. cit., p. 53) também enfatiza que:

Muito embora esteja cercado de educação especial adequada, paciência, maturidade, perseverança e muita atenção dos educadores e familiares, o surdo está

substancialmente privado de entender e participar de uma grande parte das circunstâncias e incidentes cotidianos.

É fundamental a família respeitar a cultura da criança surda, não forçando sua entrada em um contexto oralizado, mas proporcionando a ela contato com a sua língua natural. Um caminho interessante é oportunizar o contato com a comunidade surda, que, entre tantas possibilidades, oferece-lhe a oportunidade de conviver com aquela que deveria ser sua língua materna naturalmente.

Em famílias sem o conhecimento de LIBRAS, a comunicação do surdo não se desenvolve, pois essas famílias, na grande maioria dos casos, utilizam uma linguagem gestual, baseada em apontamentos, de compreensão exclusiva do meio familiar. Ao criarem tal forma de comunicação normalmente dificultam o diálogo dos filhos com a sociedade como um todo.

Os pais não podem consentir que seu filho surdo torne-se dependente deles. É imprescindível que ele seja estimulado a ser uma pessoa autônoma socialmente, permitindo desde cedo que a criança tome atitudes e faça escolhas. A família pode contribuir, incentivando o surdo a ter contato com outras crianças surdas, em especial no ambiente escolar, e participe da comunidade surda, oportunizando, além de interação com outros surdos, contato com sua própria cultura. Assim, o surdo pode ser reconhecido socialmente, identificando-se com sua identidade bicultural.

No entanto, infelizmente, nem todas as famílias têm conhecimento ou acesso a essas informações e limitam seu filho a não compreender e reconhecer suas inúmeras e ilimitadas aptidões, reforçando a importância de projetos políticos específicos que busquem identificar e oferecer-lhes o suporte adequado na educação de surdos.

4. A busca por profissionais

A família é vista como a base da sociedade, é um núcleo de convivência que costuma compartilhar alegrias e tristezas, amplamente considerada um porto seguro, ao qual podemos sempre retornar ou recorrer.

Frequentemente espera-se que os pais sejam fortes, superem e ajam positivamente diante da surdez de seu filho, compreendam e enfrentem diagnósticos médicos, dúvidas e sentimentos referentes a si mesmos e a seu filho com pouca ou nenhuma orientação e assumam todas as responsabilidades inerentes aos pais somadas às novas exigências que a surdez gera na vida cotidiana.

A falta de conhecimento e informação a respeito da surdez desorganiza a família emocionalmente. A presença de um bebê não causa somente alegrias, também desperta muitas dúvidas em relação aos cuidados que devemos ter em todas as suas fases de desenvolvimento. O desconhecimento das potenciais dificuldades, especialmente no caso da identificação da surdez do bebê, deixa os pais inseguros, estressados e ansiosos. O ideal seria a família ter a sua disposição uma equipe de profissionais qualificados para auxiliar na reestruturação familiar: pediatra, neuropediatra, otorrinolaringologista, fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo. Infelizmente, a maioria das famílias não tem acesso a esses profissionais, dificultando a busca de conhecimento sobre o desenvolvimento adequado de seu filho, mas não impede tal busca.

É preciso que a família se reorganize, trace objetivos e planeje como atingi-los. Seguramente essa não é uma tarefa simples de realizar, mesmo os pais que aceitam bem o diagnóstico estão propícios a momentos de desânimos, aflições e dificuldades. Assim, é recomendável que todos os pais tenham apoio adequado para entender, superar, aceitar e enfrentar os desafios que encontrarão em relação à surdez. Ter alguém por perto capaz de

esclarecer dúvidas e dar suporte à família poderá contribuir para o desenvolvimento emocional, social e cultural da criança surda.

Sanchez (apud ROSA, p. 27, 1993), médico Uruguaio radicado na Venezuela, famoso especialista na área da surdez e linguística, a respeito das dificuldades encontradas pelas famílias em aceitar o diagnóstico da surdez, afirma que “quando os pais acabam de receber o diagnóstico de que seu filho é surdo, eu digo a eles, com a convicção de que falo a verdade: ‘Seu filho é normal; pode ser inteligente, criativo. Só que ele fala outra língua; ele é um estrangeiro”. Após o diagnóstico, uma das grandes dificuldades a enfrentar é a de aceitar uma realidade inesperada, à qual a família não estava preparada: o fato de que o filho não o escuta, no mínimo gera a certeza de que um novo meio de comunicação deverá ser aprendido.

Além disso, é necessário que os pais oportunizem maneiras de integrar seu filho à sociedade. Diante de tantas incertezas e angústias, talvez os pais não consigam acreditar imediatamente nos profissionais procurados, não seguindo suas orientações aumentando as inseguranças e obstáculos. Portanto, fica clara a necessidade de a família ter assistência profissional qualificada na área da saúde e da educação para melhor atender as necessidades de seu filho.

As interações do cotidiano oportunizam aprendizado. Mesmo antes de falarem, as crianças ouvintes são expostas a inúmeras informações, os pais conversam com seus filhos, nomeiam objetos, brinquedos, familiares. Aos poucos, as crianças começam a construir hipóteses e compreender o mundo que as cerca. Com as crianças surdas, o processo é semelhante, portanto os pais não podem emudecer diante da surdez do filho; ao contrário, devem procurar meios de atingir efetivamente a comunicação com seu filho surdo seja por meio de um olhar, um sorriso ou da própria língua de sinais. Os pais precisam mais que motivação, necessitam de orientação e recursos para desenvolver um papel fundamental na vida de seu filho, valorizando as pequenas conquistas na certeza de grandes realizações. Os pais, devidamente orientados, são capazes de descobrir e despertar habilidades, não se acomodam e se conscientizam da missão que têm pela frente, vencendo as dificuldades conforme forem surgindo.

Compreender a surdez permite à família lidar e se ajustar aos percalços decorrentes dela. O apoio profissional contribui para que a família se envolva e busque juntamente com a criança surda soluções e alternativas, proporcionando a segurança e o desenvolvimento de suas capacidades, principalmente nos primeiros anos de vida, considerando que toda e qualquer criança depende principalmente da dedicação e participação efetiva dos pais, da família.

5. A independência do filho surdo

Segundo Carvalho (p. 81, 1998), “as atitudes maternas de acentuado desalento ou de super proteção são esperadas e compreensíveis, mas não são incentivadoras do desenvolvimento da criança”. Apiedar-se da situação do filho surdo, ou da própria situação enquanto pais de surdo, ou ainda, colocar o filho em uma redoma de vidro não trará soluções. Portanto, os pais devem junto com seus filhos superar as dificuldades encontradas nas diversas fases do desenvolvimento desde o nascimento. Após vencer os desafios impostos nos primeiros anos da criança, os pais precisam se preparar para uma nova fase: a adolescência. Além da preocupação com a escolarização, outros fatores começam a emergir.

Existe certa tendência de a família querer “compensar” a criança surda, cometendo o equívoco de não dar limites à criança, criando armadilhas para o convívio familiar na adolescência. As pessoas que não se esforçam para adquirir as coisas, que obtêm facilmente tudo que precisam, não desenvolvem capacidade de luta por seus objetivos, criando a falsa

idéia de que podem ter e querer tudo sem nenhum esforço. É imprescindível que os pais estimulem seus filhos a desenvolverem capacidades e habilidades para alcançarem seus objetivos, vencerem obstáculos por seu próprio empenho. Dizer não é essencial para a formação das crianças, inclusive para crianças surdas, serve como incentivo, motivando o surdo a sair da passividade, buscar recursos para atingir seus objetivos e vencer suas inseguranças.

É importante que o surdo adolescente e adulto adquira sua independência econômica, sentindo-se produtivo e útil para a sociedade. Para tanto, o ideal é uma parceria entre a família, a escola e a comunidade, incentivando, preparando e encaminhando o surdo para o mercado de trabalho e, com isso, é possível chegar à realização pessoal com responsabilidade e independência.

O encaminhamento e a integração do surdo no mercado de trabalho ainda estão impregnados de preconceitos. O surdo adulto encontra dificuldades em ser aceito no mercado de trabalho por não ter sua potencialidade reconhecida na sociedade. A participação efetiva dos pais auxilia no processo de inclusão no mercado de trabalho, participando de ações junto com a escola e comunidade para valorizar e evidenciar as inúmeras e reais capacidades do indivíduo surdo.

6. Considerações finais

A capacidade humana de significação se apresenta como uma competência específica para a operação, produção e decodificação dos signos, permitindo, através dessa faculdade, a produção dos significados.

No entanto, dominar uma língua não é apenas conhecer palavras, mas é necessário adquiri-la em sua totalidade e fluência para que o ser humano compreenda os signos, seja capaz de produzir novos signos e efetue a combinações entre eles. Dessa forma, é fundamental propiciar à criança surda a aquisição da língua de sinais como primeira língua, a fim de que ocorra o natural desenvolvimento do instrumental linguístico que lhe é próprio.

Existem questões sociais e culturais que interferem diretamente na formação do indivíduo surdo, pois este traz consigo as consequências de estar inserido em uma sociedade que ainda não está preparada para recebê-lo. Basta algum convívio com a comunidade surda, para percebermos o quanto o surdo é discriminado na sociedade e, muitas vezes, na própria família.

O aprendizado da língua de sinais pelos familiares e amigos é, na maioria das vezes, limitado ou nenhum, resultando em uma comunicação truncada, interferindo no envolvimento e na participação de eventos familiares e da comunidade.

A família tem o importante papel de oportunizar conhecimento, segurança, independência econômica e social, permitir que o surdo se identifique com a comunidade surda e sinta-se integrado com a ouvinte, para que o surdo desenvolva suas capacidades, autoestima e seja capaz de escolher seu próprio modelo de vida.

Os familiares das crianças surdas não devem calar-se diante da surdez da criança. Ao contrário, os pais devem procurar aprender a língua de sinais para proporcionar um aprendizado integral da criança em sua língua materna. Se os pais permanecerem mudos diante de filhos surdos, além de privá-los do convívio familiar, das trocas e aprendizagens diárias, estarão limitando seus filhos a um silêncio desnecessário.

Refletir sobre a quantidade de familiares envolvidos com a língua de sinais e a importância de estes aprenderem efetivamente essa língua significa dizer não ao silêncio que as famílias adotam ao descobrir a surdez de seus filhos.

Referências

- CARVALHO, Josefina M. *Grupo de pais: espaço possível para falar o filho surdo*. Revista da APG, da PUC/ SP. Ano VII, N*13, 79-86, 1998.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- FERNANDES, Eulália. *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir, 1990. 162 p.
- KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição da linguagem por crianças surdas: investigações sobre o léxico. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 75-88, 2004.
- QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de surdos: A aquisição da linguagem*. Porto Alegre: ARTMED, 1997.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- ROSA, Carlos Mendes. *Vida para os surdos*. Revista Nova Escola. Set. 1993, p. 25-32.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SILVA, Ângela Carrancho da. NEMBRI, Armando Guimarães. *Ouvindo o silêncio: educação, linguagem e surdez*. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- SKLIAR, Carlos. *Atualidade da educação bilíngüe para surdos* 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- _____. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- VYGOTSKY, Liev Semiónovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.